



VIANA DO CASTELO E AS
PROFISSÕES
DO SÉCULO PASSADO

Para compreendermos o nosso presente e perspetivarmos o nosso futuro, é importante conhecer e estudar o nosso passado, descobrindo todos os ensinamentos que este nos proporcionou. Tendo este pensamento como mote, o Município preparou a exposição “Viana do Castelo e as profissões do século passado”. Estou certo que, para todos os vianenses e visitantes, esta será uma exposição repleta de memórias e histórias.

Esta mostra assume-se, pois, como uma verdadeira viagem no tempo. Através de textos e fotografias de inestimável valor, evocamos profissões do século passado, algumas que já estão extintas e outras que, com o desenrolar dos anos, se foram modificando. Todas elas são parte da história da cidade e do concelho e, por isso, esta exposição assume-se como uma verdadeira relíquia que devemos saber preservar.

Não posso deixar de agradecer aos nossos técnicos que se dedicaram na pesquisa e nas entrevistas realizadas a vianenses que tanto têm para nos contar. Pretendemos, com esta mostra, recordar Viana do Castelo num passado recente, recordando o alfaiate, a farrapeira, o estofador, tamanqueiro, sapa-teiro, funileiro, tanoeiro, as galinheiras da Areosa, a leiteira, o tasqueiro e o polícia sinaleiro, entre muitos mais.

Esta exposição interativa assume-se como uma lembrança do passado e estou certo que, para todos os vianenses, visitar esta mostra será uma oportunidade que vão acolher com todo o carinho.

MENSAGEM DO PRESIDENTE
DA CÂMARA MUNICIPAL
JOSÉ MARIA COSTA

DO CASTELO E AS PROFISSÕES DO SÉCULO PASSADO

CARACTERIZAÇÃO HISTÓRICA, ECONÓMICA E SOCIOCULTURAL DO INÍCIO DO SÉCULO XX

O início do século XX caracteriza-se por ser uma época conservadora, de ideias e regras rígidas.¹

Em Portugal predominava uma sociedade rural, com grandes taxas de analfabetismo e uma taxa urbana bem diminuta.²

Apesar de tudo, a entrada no século XX prometia trazer grandes descobertas e evolução quer no ramo científico, quer no ramo tecnológico.

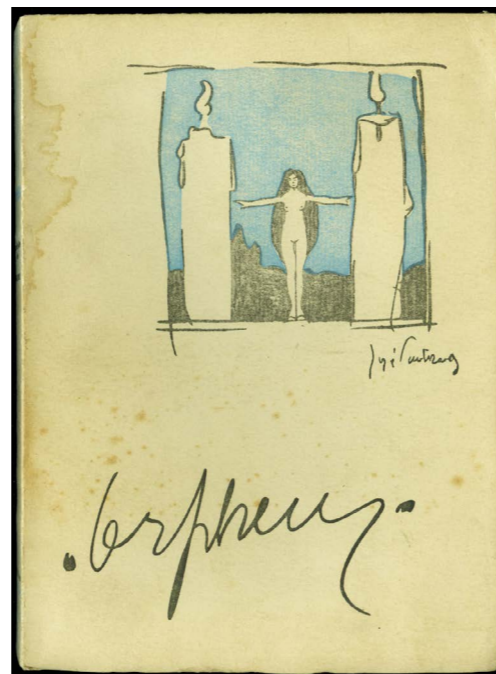
Os anos 20 em Portugal são caracterizados pela instabilidade económica e política.

Devido a esta instabilidade, a 28 de maio de 1926, dá-se o Golpe de Estado e o Regime da Ditadura Militar entrou em vigência no mesmo ano, mantendo-se até 1933, suspendendo assim a Constituição de 1911 tendo como consequência a organização do Estado Novo.

Na década de 30 Portugal continuava a ser um país pouco abastado. Metade da população vivia da agricultura e mais de metade continuava analfabeta não tendo direito de voto. As famílias eram numerosas, mas a mortalidade infantil também. A vida de quem vivia no campo tinha o ritmo do dia-a-dia marcado pelo sol, sem eletricidade e água canalizada, pois esta era trazida da fonte em cântaros. Trabalhava-se na terra para se obterem produtos alimentícios essenciais, como legumes e vegetais e até o linho para a confeção de tecidos. Nas aldeias as crianças a partir dos 6 ou 7 anos ajudavam nos trabalhos do campo. As famílias mais pobres migravam para as cidades e vilas, sendo que muitas vezes as raparigas se tornavam criadas de servir em casas abastadas e os rapazes ajudavam nas mercearias. Muitos emigravam para o Brasil.

O Norte do país caracterizava-se por casas feitas em pedra, imperava a pequena propriedade, sendo a policultura uma regra, tornando os agricultores mais autossuficientes. A prática religiosa era mais abrangente no Norte. A alimentação era pouco abundante em relação à proteína animal, naquela época, um porco conservado em sal teria de durar para todo o ano. Outras refeições muito usuais eram as sardinhas e o bacalhau.³

A nível cultural, vivia-se a época do Modernismo Português, iniciado em 1915 com o lançamento da Revista Orpheu, uma publicação inspirada nos movimentos da vanguarda europeia, quebrando o convencionalismo e chocando a sociedade da época. Áreas como a literatura, arquitetura, escultura e pintura foram desenvolvidas. Apesar de tudo existia uma falta de interesse nas novidades culturais devido à baixa alfabetização da população portuguesa e ao conservadorismo dos meios urbanos.⁴



¹ DM Hugo Reis, p. 66

² <https://www.tsf.pt/portugal/cultura/uma-historia-de-avancos-e-de-recuos-portugal-durante-os-ultimos-dois-seculos-11942166.html>

³ *Sociedade do Estado Novo* in Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2020. [consult. 2020-10-15 11:48:46]. Disponível na Internet: [https://www.infopedia.pt/\\$sociedade-do-estado-novo](https://www.infopedia.pt/$sociedade-do-estado-novo)

⁴ https://www.wikiwand.com/pt/Modernismo_em_Portugal

VIANA DO CASTELO EM INÍCIOS DO SÉCULO XX

A inauguração da ponte, ainda em finais do século XIX, e da linha do caminho-de-ferro, assim como de outras vias de comunicação no concelho e também no distrito, vão iniciar uma nova fase na história da localidade. Até então, a população tinha vivido relativamente limitada e isolada no que tocava às comunicações e a partir desta época tenta-se uma fase de renovação.

A cidade fica então delimitada pela linha do caminho-de-ferro e, ao surgirem os primeiros automóveis, algumas vias sofrem alterações assim como o traçado urbanístico. Pode-se destacar a abertura da Avenida dos Combatentes, que liga a Estação Ferroviária ao Rio Lima a partir de 1917-18 e a nível visual Santa Luzia ao Porto de Mar. A ditar as tendências da arquitetura portuguesa, na primeira metade do século XX, surgiram alguns edifícios a leadear a Avenida dos Combatentes que ostentavam preciosas decorações de granito. De inspiração Manuelina temos a Escola Primária Dr. Alfredo Magalhães e o Palácio da Justiça. Num estilo mais “Art Deco” temos o edifício da Cruz Vermelha e o edifício das bilheteiras das empresas de transporte, como Autoviação Minho, Avic e Cura.

Uma das fases de desenvolvimento da cidade vai testemunhar a edificação do Teatro Sá de Miranda (1885), a remodelação do Convento de Sant’Ana ao serviço da Congregação de Nossa Senhora da Caridade (1897-1905) e a construção do Templo de Santa Luzia (1903-1926).

A cidade, que até então estava delimitada pelos caminhos-de-ferro, tem a necessidade de se expandir e surgem assim na primeira me-

tade do século XX, e no exterior da via-férrea, o Bairro das Ursulinas, o Bairro do Jardim, o Bairro da C.P e o Bairro da Providência. Ao nível das edificações apenas se destacam a Cadeia e o Liceu.⁵

Foi também no início do século XX mais propriamente entre os anos 1917-19, que a Gripe Pneumónica assombrou a Europa. Em Viana, chegavam a morrer dezenas de pessoas por dia. De modo aflitivo, os habitantes de Viana fizeram uma promessa: subir o Monte de Santa Luzia em peregrinação caso a gripe cessasse. E cessou, pois, só uma pessoa morreu depois de feita a promessa.⁶ Esta peregrinação ainda acontece nos dias de hoje uma vez por ano.

A nível cultural, para além da edificação do Teatro Sá de Miranda anteriormente referida, e ainda em finais do século XIX, abre o Museu Municipal, atual Museu de Artes Decorativas, em 1923 no Edifício da Casa dos Barbosa Teixeira Maciel no Largo de São Domingos. Do espólio do museu faziam parte pinturas, azulejos, fotografias, peças arqueológicas entre outros objetos de interesse relacionados com a vida do município. Também o elevador de Santa Luzia foi inaugurado em 1923, com o objetivo de a população poder usufruir da vista que este proporciona e facilitar a visita ao templo. Apesar de na época a estrada se encontrar em construção e tornar mais fácil o acesso ao Hotel de Santa Luzia.⁷ Ao longo das décadas existiram assim grandes transformações a nível urbano e a nível populacional deu-se um aumento ligeiro. Até ao ano de 1930, habitavam cerca de 11544 pessoas em Viana do Castelo, dados do VII recenseamento geral.⁸



Avenida dos Combatentes –
Escola Dr. Alfredo Magalhães – 1930/1940
(Arquivo Municipal de Viana do Castelo)

As décadas posteriores são caracterizadas por um acelerado crescimento da cidade.

Como já ficou demonstrado, as cidades começaram então a adaptar-se a novas exigências relacionadas com o urbanismo e vias de transporte. Essas vias de transporte, como ruas, ruelas, largos e praças eram palco das vivências da sociedade vianense. Podemos ter um breve vislumbre dessa sociedade através da descrição de Francisco Carneiro Fernandes no livro “Viana: Cidade e Circunstância” da Praça da Rainha, atual Praça da República, a praça principal de Viana era um local calmo, mas aberto cujo aroma das pequenas árvores se podia sentir. Os antigos candeeiros eram a gás. Era possível vislumbrar os primeiros automóveis, mas também carrinhos de mão, bicicletas e veículos pesados de tração animal.⁹

Ao analisar estes factos, podemos concluir que as mudanças da Revolução Industrial (3ª fase) já eram visíveis, através do aparecimento dos primeiros automóveis, mas os aspetos rudimentares ainda fazem parte do dia-a-dia, através da referência aos carrinhos de mão e aos veículos de tração animal.

Viana do Castelo conheceu no início do século XX um aumento de serviços ligados de forma direta ou indireta ao ramo de transportes, alojamento, comunicações, restauração e segurança no trânsito de pessoas e de mercadorias.¹⁰ Os estabelecimentos comerciais, serviços e edifícios residenciais tinham uma implantação de forma inexpressiva fora das barreiras de fixação definida pela cintura rodoviária.



Pormenor da Construção do Templo de Santa Luzia – 1930
(Arquivo Municipal de Viana do Castelo)

5 Matos Reis, António – Viana, a cidade através do tempo, p. 19

6 Alpuim, Maria Augusta - Sentada junto ao sagrado; “Viana: Cidade e Circunstância”, p.30

7 Carvalho, 1997 – referido em a “Evolução da estrutura urbana em Viana do Castelo, factores de transformação e elementos de continuidade” de Hugo Reis, p. 65

8 Fernandes, 1999

9 Fernandes, Francisco Carneiro – Praças de Convivialidade; “Viana: Cidade e Circunstância”, p.73

10 Fernandes, Francisco Carneiro – Geografia e Memórias da Baixa Vianense – Comércio – Serviços – Património, p. 123

11 Fernandes, Francisco Carneiro – Geografia e Memórias da Baixa Vianense – Comércio – Serviços – Património, p. 15, 16, 17 e 24

12 Idem

“LÁ VAI A TRICANA, CÂNTARO À CABEÇA, BALOÇANDO A ÁGUA QUE PURIFICA O LAR, SAÍDA DOS BICOS DO FONTANÁRIO.”

FRANCISCO CARNEIRO FERNANDES



Hotel de Santa Luzia – 1930
(Arquivo Municipal de Viana do Castelo)



Bairro do Jardim – 1930/1940
(Arquivo Municipal de Viana do Castelo)

Lojas de comércio banal (como mercearia, padaria, algumas fábricas, serviços pessoais domésticos – sapateiro, barbeiro e outros) e saberes artesanais (alfaiate, ferreiro) eram possíveis de vislumbrar ao longo da Rua da Bandeira, na Abelheira e no espaço envolvente às “Azenhas de D. Prior” perto do rio.

Já no espaço denominado intra-ferroviário concentravam-se as habitações e atividades comerciais como venda a retalho, serviços (por ex: cambista, consignatário, chapeleiro, penhorista, guarda-soleiro, sapateiro...). No centro urbano tradicional, desde o Jardim D. Fernando, Largo de São Domingos, Rua da Bandeira e “Praça da Rainha”, localizavam-se os demais serviços de administração, comunicação e obras públicas, saúde, segurança e ensino. Muitas funções em 1912 localizavam-se de forma exclusiva ao espaço delimitado pelo caminho-de-ferro.

Para se ter uma ideia de alguns ofícios, na cidade de Viana do Castelo em 1907, existiam 10 alfaiates, 4 guarda-soleiros, 33 mercearias, 5 tamanqueiros e 2 tanoeiros. Em 1912 existiam 9 alfaiates, 3 guarda-soleiros, 34 mercearias, 4 tamanqueiros e 2 tanoeiros. Nos dias de hoje estas funções estão extintas. Por exemplo, a mercearia tradicional onde os produtos eram vendidos avulso e a venda era personalizada, acabam por ceder à industrialização e ao autosserviço, dando lugar aos contemporâneos super e hipermercados.¹¹

Assim, um dos aspetos que também acompanhou os ciclos de desenvolvimento do país foram os ofícios e as profissões. Na época existiam certos ofícios que hoje em dia já não vemos por aí.

Era comum nas cidades levarem água e roupa lavada ao domicílio, também a venda de produtos e serviços de porta em porta era fulcral para o sustento de quem o fazia. Profissões do século passado – quer fossem caracterizadas por estarem longe do progresso ou de duração efémera devido ao aparecimento de novos comércios e serviços com a Revolução Industrial¹², - caracterizam o contexto socioeconómico do século XX.



Estação de Caminhos de Ferro – 1930/1940 (Arquivo Municipal de Viana do Castelo)



Praça da República – 1900 (Arquivo Municipal de Viana do Castelo)

PROFISSÕES DO SÉCULO PASSADO

Como numa viagem no tempo, esta exposição pretende evocar profissões do século passado, algumas já extintas, outras completamente diferentes da sua génese. Através de pesquisa e entrevistas realizadas ao Sr. Valença, à D. Rosalina, à D. Maria da Graça, ao Sr. José Teixeira, ao Sr. Bastos e ao Sr. Arnaldo e com recurso a arquivos fotográficos, pretendemos ilustrar como foi Viana num passado não muito distante. Não conseguimos abarcar todas as profissões que existiram, nem todos os profissionais de cada ofício, nem tão pouco a localização de todas as oficinas e lojas. Pretendemos que esta seja uma exposição interativa, que as pessoas possam, com a lembrança do passado, complementar a informação existente e enriquecer o conteúdo, até para investigações futuras.

ALFAIATE	ENGRAXADOR	CORDOEIRO	LEITEIRA
COSTUREIRA E MODISTA	FERREIRO	AGUADEIRO / AGUADEIRA	LAVADEIRA
FARRAPEIRA	FERRADOR	AMOLADOR	TASQUEIRO
ESTOFADOR	FUNILEIRO	CARRETEIROS DA ABELHEIRA	MERCEEIRO
TAMANQUEIRO	TANOEIRO	ARDINA	VENDEDORA DE CASTANHAS
SAPATEIRO	CARPINTEIRO	GALINHEIRAS DA AREOSA	POLÍCIA SINALEIRO



Pronto - a - vestir em Viana do Castelo

ALFAIATE

Em Viana do Castelo, em pleno século XX, existiam cerca de duas dezenas de alfaiates espalhados pela cidade. Na pesquisa levada a cabo, conseguimos memórias de pelo menos dois alfaiates na Rua Sacadura Cabral, o Carlos Alberto e o Zé Emilio, já na Rua da Altamira, encontramos referência ao alfaiate conhecido pelo Zé da Eustáquia. A famosa alfaiataria Barroso estava situada na Rua Manuel Espregueira. Já na Rua da Bandeira, conhecido por Fresquinha,¹³ localizava-se o espaço de Henrique Rodrigues, tendo trabalhado nesta arte durante mais de sessenta anos. A localização mais exata do seu espaço de trabalho era em frente à Igreja das Carmelitas, atual Igreja da Senhora de Fátima. O alfaiate Meireles e o Ciranda, alfaiate de renome na cidade, foram mais duas referências encontradas.

Os alfaiates tinham principal função conceber e executar peças de vestuário masculino e feminino, de forma artesanal e sob medida. Para a execução das peças eram auxiliados por vários utensílios, tais como o livro de medidas, a fita métrica, giz para riscar o tecido, agulha e dedal, alfineteira, linha para alinhar, tesoura de corte e ferro de engomar. Primeiro os alfaiates tinham de tirar as medidas ao cliente, depois tinham de pegar nos moldes e desenhar no tecido a peça a confeccionar, cortando depois o tecido, as entretelas e o forro.

O desenvolvimento a que estamos constantemente sujeitos fez com que a alfaiataria em Portugal se desenvolvesse mais entre finais do século XIX e inícios do século XX. Era possível a aquisição de novos materiais para a confeção de vestuário por medida. Por esta altura, o trabalho dos alfaiates portugueses foi reconhecido internacionalmente. Esta era uma profissão de muito prestígio e muito procurada no século XX. Dos anos trinta até aos sessenta, a alfaiataria portuguesa atingiu o seu auge, mas devido à grande concorrência do pronto-a-vestir, a partir de 1974, as fragilidades desta profissão tornaram-se mais prementes.¹⁴ Os alfaiates viram-se com serias dificuldades de competir com os produtos a preços acessíveis, variados e de diferentes estilos e com a rapidez de aquisição de vestuário. Assim, os alfaiates tornaram-se um luxo só acessíveis para alguns.

¹³ Coutinho, Artur, Famílias com Rosto Volume I, 2005, p.60

¹⁴ Profissões, Artes e Ofícios Tradicionais Portugueses, Cidália Vargas Pecegueiro, 2018, p.15

COSTUREIRA E MODISTA



Rua do Loureiro e Rua da Altamira (Arquivo Municipal de Viana do Castelo)

São duas profissões que se cruzam. A costureira é uma mulher que costura por profissão, que confeciona vestuário do quotidiano. Geralmente costura para mulheres e para crianças. A modista já tem uma função ligeiramente diferente, ela desenvolve moldes de acordo com a fisionomia e os interesses dos clientes. Ambas trabalhavam a partir de casa ou de pequenos ateliers.

Atualmente, a profissão de costureira ainda existe, embora estas se dediquem mais a arranjos de roupa do que propriamente à confecção. À semelhança da profissão de alfaiate, também as costureiras e modistas foram vítimas do pronto a vestir e dos preços competitivos das lojas. No entanto, há jovens atualmente a apostar

nestas duas áreas, dado que o gosto por peças diferentes e adequadas às diferentes fisionomias, voltaram a estar novamente em voga. A exclusividade paga-se e esta nova tendência apenas é acessível a algumas pessoas.

Em Viana existiam costureiras no Largo Vasco da Gama, na Rua de Olivença, na Rua Grande e no Largo da Altamira.

As modistas na cidade estavam localizadas na Avenida dos Combatentes da Grande Guerra, Rua Manuel Espregueira (ensinava jovens aprendizes), atrás do cemitério, na Rua Nova de Santana (Domingas) e na Rua Engenheiro Frederico Cruz (Anita Miranda).

FARRAPEIRA

“**Quem tem trapos, garrafas para vender**” era assim que as farrapeiras se anunciavam na cidade. Em Viana havia uma farrapeira na Rua Martim Velho. Era empregada de uma casa do Porto e em Viana comprava farrapos e papel e os patrões recolhiam esses bens e vendiam depois. Existia ainda uma farrapeira que vinha da freguesia de Vila Nova de Anha para a cidade, conhecida por Maria Caramba. Esta farrapeira usava uma rodilha na cabeça, onde colocava uma cesta grande com o que comprava, tapando tudo com um xaile para ninguém ver o que tinha. Comprava de porta em porta atalhados, louças e retalhos, entre outras velharias. Mais tarde, usou como armazém uma parte do antigo edifício da Casa dos Rapazes (oficinas de S. José), onde atualmente está a Academia de Música Fernandes Fão. Existia ainda uma farrapeira na Rua dos Caleiros.

Como foi referido, geralmente esta profissão consistia em comprar porta a porta farrapos e variados utensílios que as pessoas já não utilizavam, para depois venderem. Embora, por vezes estas comprassem objetos de valor a pessoas que, embora necessitadas, tinham vergonha de as ir vender a outros locais, aproveitando a passagem da farrapeira, porta a porta, para as venderem. Esta profissão já não existe atualmente.



Rua Martim Velho (Arquivo Municipal de Viana do Castelo)



Rosalina Viana na oficina



molas



Ferramentas utilizadas pelo estofador

ESTOFADOR

O estofador foi um dos muitos ofícios que existiram na cidade de Viana do Castelo. Um conhecido estofador, que fechou portas recentemente, foi Hermenegildo Viana, de Almogrove, Odemira e Rosalina Viana, da Feitosa, Ponte de Lima. A oficina deste casal ficava no n.º 22 do antigo Largo Altamira, atual Largo Amadeu Costa entre 1968 e 2019. Além deste, existia um outro estofador na Rua Nova de Santana, em frente ao Centro de Saúde, U.F. Tiago de Almeida, segundo Rosalina Viana, quando vieram de Lisboa para a cidade de Viana do Castelo, em 1968. Mais tarde, na freguesia da Meadela surgiram outros estofadores. Hermenegildo trabalhou como estofador nas oficinas da Ford, em Setúbal, na General Motors e Mercedes em Lisboa. Já Rosalina Viana foi uma autodidata no restauro de sofás, cadeiras e canapés.

Se inicialmente, e juntamente com o marido, estofavam assentos de autocarros, carros e embarcações, Rosalina Viana lembra como

ao desmanchar os estofos centenários, aprendeu a fazer a trama das molas com nós em corda de sisal e a usar crina animal e crina vegetal para o enchimento. Também faziam trabalhos com recurso a esponjas e agrafos. Contudo, os trabalhos que mais gostava de fazer eram os restauros de peças antigas, nos quais para além de o enchimento ser feito com crina, utilizavam-se pregos e para rematar taxas pregadas uma a uma.

À medida que as lojas de mobiliário ofereciam conjuntos de sofás a preços mais acessíveis, nem sempre compensava o restauro destes. Mais ainda, a dificuldade em obter-se certos materiais, levou a que este casal chegasse a importar de França, crinas animal e vegetal, tachas ouro velho, molas espirais, assim como brocados de alta qualidade. Por fim, relembra como em 51 anos de atividade, nunca fizeram trabalhos para aviões e comboios.

TAMANQUEIRO



Tamanqueiro
(Arquivo Municipal de Viana do Castelo)

Na década de 60 apenas havia uma unidade de tamancaria na cidade de Viana do Castelo. Provavelmente a sua localização seria na Rua Gago Coutinho.¹⁵

A tamancaria tem algumas características semelhantes com a profissão de sapateiro. No entanto, o tamanqueiro era o artesão que se dedicava ao fabrico de paus (sola ou rasto) para socos, tamancos, chancas e andolas. Esta atividade teve uma fase de prosperidade, na altura em que a agricultura era a principal fonte de sustento da maioria da população. Estes eram os principais consumidores deste produto artesanal. Os tamanqueiros utilizavam as seguintes ferramentas para a execução do seu trabalho: serra, machado, machada, enxó curva e formão. A matéria prima utilizada era a madeira, mais especificamente a madeira de pinheiro ou de amieiro.¹⁶ Também podiam utilizar a madeira de salgueiro e cerejeira, por serem leves e impermeáveis.

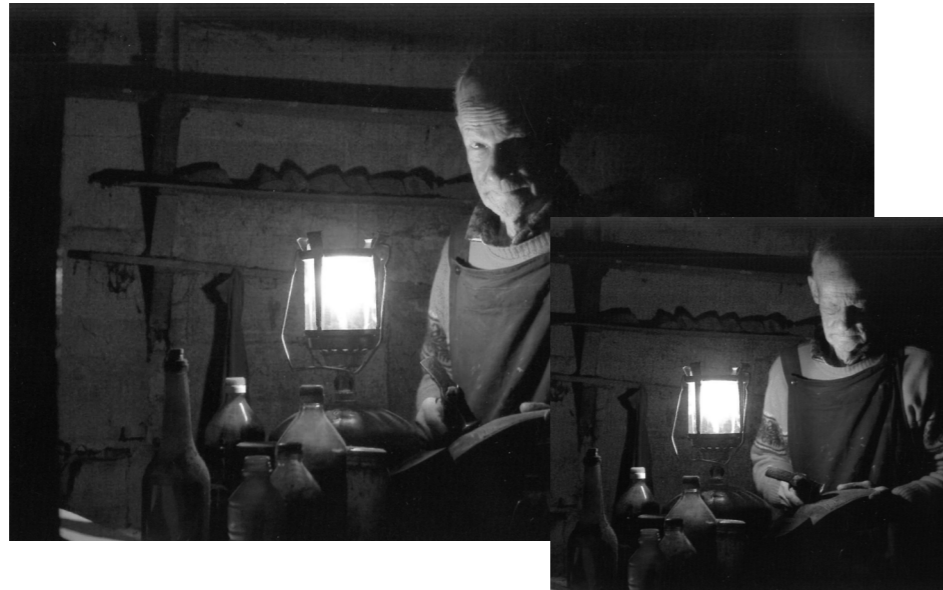
Semelhante às restantes profissões, esta está também em extinção. As gentes que ainda vivem do campo utilizam outro tipo de calçado na execução das suas tarefas. Hoje em dia, este tipo de produto é mais procurado por turistas, como recordação e não como fim utilitário,¹⁷ assim como para os trajes regionais vianenses utilizados nas Festas da cidade e pelos Grupos Folclóricos.

¹⁵ Fernandes, Francisco, Geografia e Memórias da Baixa Vianense, p. 85

¹⁶ Paço, António, Etnologia: Alto Minho, p.110

¹⁷ Sampaio, Francisco, Artesanato e Turismo: O Artesanato na Região de Turismo do Alto Minho (artigo), p.249

SAPATEIRO



Sr. Luís Alves na sua oficina na Rua da Picota

O sapateiro é uma das profissões mais antigas, mas que ainda subsistem nos dias de hoje. No entanto, as diferenças com outrora são bastante acentuadas. Antigamente, os sapateiros fabricavam e consertavam o calçado manualmente, mesmo à medida e gosto do cliente. O material que utilizavam na execução do calçado, era maioritariamente o couro. Este era considerado um material natural, resistente e nobre. Esta profissão foi evoluindo ao longo dos tempos, no entanto, com o crescimento da indústria do calçado e a possibilidade de se comprar sapatos na loja, muitos deixaram este ofício. Atualmente as grandes fábricas produzem calçado de todos os gostos a preços competitivos e, muitas vezes, não se conserta o calçado, porque o custo / benefício não é atrativo. Hoje em dia, fruto da evolução dos tempos, o sapateiro trabalha, geralmente, numa pequena oficina e apenas tem como função o conserto, não só de sapatos, mas também de malas, cintos e carteiras, entre outras peças.

Luís Passos Alves começou a trabalhar no nobre ofício de sapateiro com 14 anos. A sua oficina localizava-se na Rua da Picota, mesmo junto ao Museu do Traje. Aí fazia o seu trabalho com “muito gosto e brio”, no entanto achava que esta arte tinha os dias contados porque ninguém queria aprender.¹⁸

¹⁸ Coutinho, Artur, *Famílias com Rosto* vol. I



José Guedes em frente à Caixa Geral de Depósitos em Viana, 2004 – Imagem retirada do livro de A. Coutinho, “Famílias com Rosto”, Volume I, p. 98

ENGRAXADOR



Pormenor de um engraxador na Praça da República

¹⁹ Fernandes, Francisco Carneiro – *Geografia e Memórias da Baixa Vianense – Comércio – Serviços – Património*, p. 27

²⁰ A. Coutinho - “Famílias com Rosto”, p. 97, p. 98

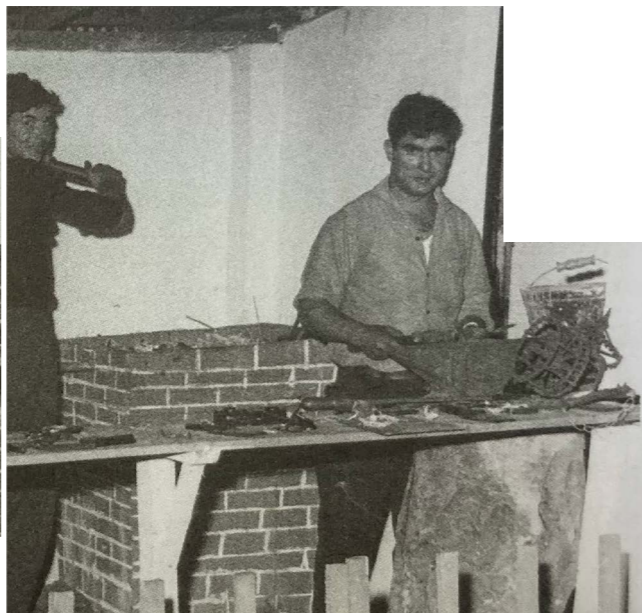
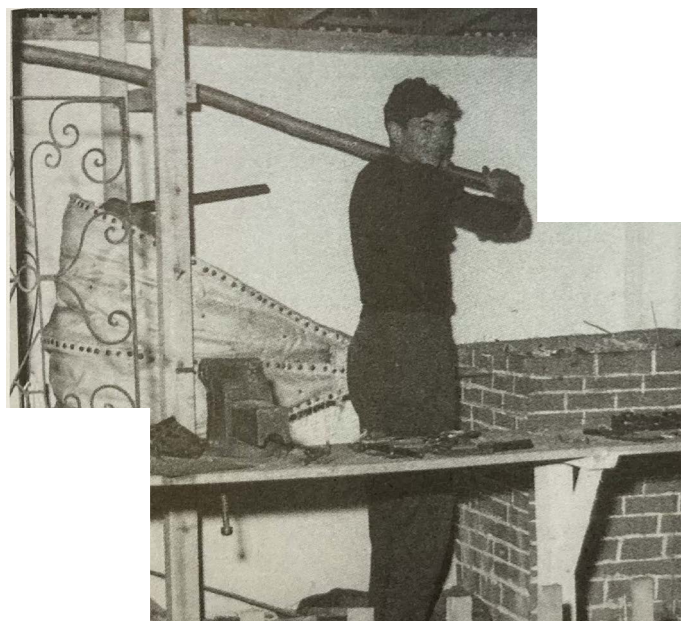


Postal (Arquivo Municipal de Viana do Castelo)

O engraxador tinha a função de deixar os sapatos limpos e polidos. Começavam a percorrer as ruas logo cedo pela manhã levando a sua caixa de madeira, latas, escovas e outros objetos necessários. Há registos de que, no século XX, existiu na Rua da Picota o engraxador “O Raimundo” sendo na época uma presença habitual que fazia questão de não trabalhar no dia de S. Martinho e só bebia água a preferir as seguintes palavras “Hoje é só para os amadores!”¹⁹ Também há relatos de existir um engraxador, o “Agostinho” na Praça da República, e outro na esquina da Rua Manuel Espregueira.

Já na década de 2000, existem referências de alguns engraxadores que praticaram a sua atividade em Viana. *António Maria Teixeira* e *José Guedes* ambos naturais do Porto, escolheram exercer este ofício pelas ruas de Viana, deixando o Porto por amor ou simplesmente por não apreciarem o ambiente da cidade de origem. Era comum observar António na avenida durante a semana e ao fim de semana junto ao Hospital da Misericórdia. José, que se instalou em Monserrate, deslocava-se numa motorizada de 3 rodas coberta transportando consigo as ferramentas necessárias para o seu ofício.²⁰

FERREIRO



Ferreiros, na exposição de artesanato de 1966
- Livro de Amadeu Costa Traje, Artesanato e Tradição

Na cidade de Viana foi-nos documentada a existência de alguns ferreiros, no entanto apenas conseguimos referência da localização de três no centro da cidade. Assim, na Rua dos Manjovos localizava-se a oficina do Sr. Parente. O Sr. Balinha tinha a sua oficina na Rua Martim Velho e na Avenida Rocha Páris havia o chamado Ferreiro d'Anha. Na zona da Abelheira havia um ferreiro conhecido por Luís Ferreiro, de seu nome Luís Pedro Viana, cuja oficina se localizava junto à Capela da Sra. Das Necessidades. Luís Ferreiro ficou ainda conhecido por ensinar a arte a jovens aprendizes.

Os ferreiros eram conhecidos por trabalharem o ferro, metal que mais oxida e se decompõe. Este trabalho implicava, por parte do artesão força, atrevimento e controlo de fogo. O ferreiro foi uma atividade importante e reconhecida, sobretudo na sociedade rural, devido aos utensílios que fabricava para serem utilizados na agricultura. Fazia utensílios agrícolas, tais como arados ou foices, e também

fazia as ferraduras para os animais. Faziam ainda instrumentos artesanais, pregos para a construção, fechos e dobradiças.²¹ Fabricavam também portões, enxadas e aros para as rodas dos carros de bois. Os instrumentos mais utilizados pelo ferreiro na sua oficina eram o fole, a bigorna, a bancada, o torno, o banco e a guilhotina de ferreiro. Como curiosidade, destacamos o avental usado pelo ferreiro, cuja função era a de proteger o seu utilizador do calor da forja e de possíveis queimaduras. Este era de "carneira de peitilho, com presilhas e preso à cintura com correia e fivela".²²

Mais uma vez, a necessidade de rapidez na aquisição de materiais e mesmo o declínio da agricultura, fez com os ferreiros tradicionais fechassem as portas das suas oficinas, dando lugar a instrumentos elaborados nas fábricas através da mais moderna maquinaria.

²¹ Coutinho, Artur, Famílias com Rosto vol. I
²² Associação Alcance, Casa do Ferreiro, Câmara Municipal de Alcoutim, p.4



FERRADOR



²³ Coutinho, Artur, Costumes e Tradições Populares, 2012, p.96 e p.97
²⁴ Associação Alcance, Casa do Ferreiro, Câmara Municipal de Alcoutim, p.6 e p.7

Em Viana do Castelo apenas nos foi dado nota de um ferrador, o ferrador Cândido, localizado na Estrada da Papanata. Nas freguesias limítrofes da cidade existiam mais alguns, nomeadamente em Mazarefes e Vila Fria.²³

A profissão de ferrador está associada à profissão de ferreiro, isto porque o ferreiro é que produzia a matéria para o ferrador utilizar na sua arte. O trabalho do ferrador consistia em colocar as ferraduras no casco dos animais, consoante as características de cada animal. Para o seu trabalho o ferrador necessitava dos seguintes utensílios: a turquês, o formão, o martelo, o cravo e a ferradura.²⁴

Naturalmente que, com o desaparecimento dos animais para a realização dos trabalhos agrícolas, a profissão de ferrador acabou também por se extinguir na nossa região.

FUNILEIRO



Regador produzido pelo Sr. Armando

Situava-se no Largo de Santa Catarina o último funileiro em Viana do Castelo, de seu nome Armando Correia. O Sr. Armando foi para esta oficina em 1953, após ter trabalhado numa oficina na Rua Góis Pinto. Quando começou a arte, existiam cerca de onze funileiros na cidade, neste momento a arte acabou com o Sr. Armando.

O funileiro produzia de forma artesanal diversas peças, entre as quais baldes, apanhadores, regadores, funis e baús para pescadores. Também fazia peças decorativas tais como moinhos e farol. A introdução de novas matérias primas, como o plástico, e a maquinaria, fez com que o trabalho do funileiro se reduzisse a consertos.

Para a execução das peças utilizava a folha de flandres, o alumínio e a chapa zincada.²⁵



Figura 39 Interior da oficina do Sr. Armando



Baú produzido pelo Sr. Armando

TANOIEIRO



Sr. Martins, tanoieiro, junto ao Mercado (Arquivo Municipal de Viana do Castelo)

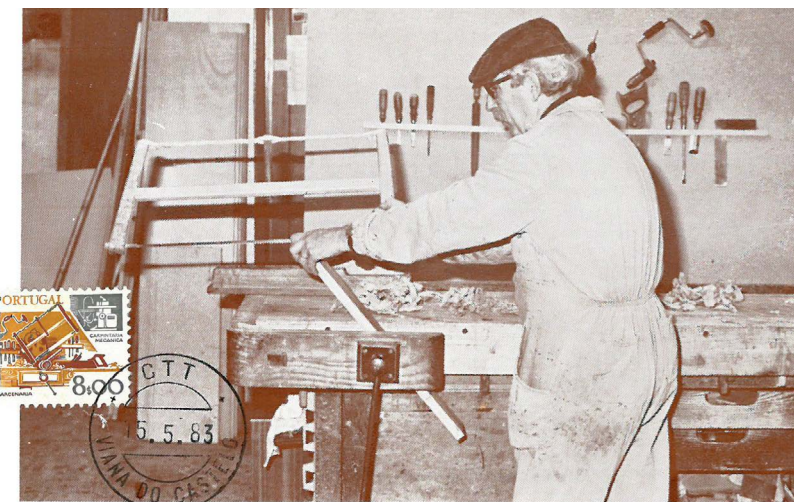
Dada a sua ligação à produção vinícola, em Viana do Castelo, também existiram homens com a profissão de tanoieiros. Na Rua Roque de Barros existia um artesão tanoieiro chamado Manuel Alves da Costa Ferreira. Existia, na Rua Prior do Crato, outro tanoieiro de nome António Martins. Neste local existiu um restaurante que, devido à oficina anteriormente existente no local, chamava-se “O Pipo”. Esta oficina, nos seus primórdios, tinha outro proprietário José Reis e estava situada na Rua da Bandeira, depois foi deslocada para o Campo da Agonia e só depois para o local onde o Sr. Martins, por último exerceu a sua atividade.²⁶

Tanoaria é o nome que se dá à arte de fabricar e / ou consertar recipientes em madeira para transportar e / ou armazenar líquidos, com maior expressão o vinho e também produtos secos. O artesão responsável por esta arte é o tanoieiro. Ele fabricava barris, pipas, tonéis e balseiros, recipientes em madeira, sustentada pela pressão de arcos de madeira ou metal. A matéria prima utilizada para a construção destes utensílios é a madeira, que convinha que fosse resistente, dura, fácil de trabalhar e pouco porosa, sendo a madeira de carvalho a mais aconselhada pelas suas características. No entanto também podiam ser utilizadas as madeiras de castanho, eucalipto e austrália.

Como em todas as profissões, o progresso tecnológico tanto pode ser positivo como negativo. Os pontos positivos são a rapidez com que atualmente se fazem os recipientes para a conservação dos líquidos e o custo mais baixo. O ponto negativo é que esta profissão se extinguiu. Os recipientes em madeira tendem a ser substituídos por cubas em aço inoxidável e mesmo em cimento.

²⁶ Costa, Amadeu, Traje, Artesanato e Tradição, p.114

CARPINTEIRO



Oficina de carpinteiro (Arquivo Municipal de Viana do Castelo)

27 Coutinho, Artur, *Famílias com Rosto*, volume I, 2005

A profissão de carpinteiro ainda hoje existe, no entanto, as oficinas modernizaram-se e atualmente recorrem muito a maquinaria para a realização dos trabalhos. No passado, nesta cidade, existiam algumas oficinas rudimentares. Exemplo disso era a oficina do Sá, na Rua Grande e do Guelho, que era de Perre, na Rua da Bandeira. Onde hoje estão os jardins do Governo Civil, existiam lá umas casinhas e lá se situava a oficina de José Ferreira, em 1940.²⁷ Este carpinteiro também era conhecido por ensinar o ofício aos jovens aprendizes. Na Rua General Luís do Rego localiza-se, ainda hoje, a Carpintaria Vital.

Os carpinteiros trabalham a madeira maciça no seu estado mais natural, sendo este tipo de trabalho essencial na construção civil e também na construção naval. O trabalho de um carpinteiro passa pela modificação da madeira para construir objetos de utilidade, sendo que, neste ofício é relevante ter noções de geometria e precisão técnica. Este ofício requer ainda que o seu executante conheça os diferentes tipos de madeira. No início do século XX, o trabalho do carpinteiro era essencialmente manual e o seu trabalho consistia na construção de telhados, escadas, portas e soalhos. Para executar as suas peças o carpinteiro necessitava de martelo, serrote, lima, formão, prumo, plaina, enxó, entre outras.

Como referido anteriormente, as oficinas antigas deram lugar a novas e de maior dimensão. Atualmente as carpintarias possuem ferramentas mais modernas e maquinaria própria para trabalhar a madeira. Ao contrário do que acontecia no início do século XX, as carpintarias atualmente empregam vários carpinteiros.

Curiosidade: o marceneiro é uma profissão que deriva da carpintaria, no entanto a principal diferença entre ambos é o tipo de trabalho. O marceneiro dedica-se ao fabrico de móveis e à conservação e restauro de objetos decorativos em madeira, sendo o seu trabalho mais artesanal.



Rua General Luís do Rego (Arquivo Municipal de Viana do Castelo)

CORDOEIRO



Largo Vasco da Gama (Arquivo Municipal de Viana do Castelo)



Bartolomeu Silva com um ajudante a entrançar fio na "roda de fazer a corda" – In de Amadeu Costa, *Traje, Artesanato e Tradição*

Amadeu Costa referiu que a cordoaria era uma indústria essencialmente caseira.²⁸ Em Viana esta atividade era desenvolvida no Bairro da Ribeira, ocupando uma grande extensão da marginal, a fim de se esticarem os fios. Neste Bairro típico vianense, e que se saiba, existiram no passado dois cordoeiros, um localizado no Largo de São Domingos, Jaime Ferraz, conhecido por "Linhas" e outro, o Gandra, no antigo Largo Altamira, atual Largo Amadeu Costa, sendo que era nas traseiras do edifício, entre o atual bingo e Alameda Alves Cerqueira, que preparavam as cordas. A cordoaria, que provinha da construção naval que existia na cidade, consistia na produção manual de cordas e da venda das mesmas, ou seja, ao entrance do cairro, do sisal, do linho e do esparto, na "roda de fazer a corda".²⁹

²⁸ Costa, Amadeu, *Artesanato, Arte e Tradições* 2012, p.99

²⁹ Viana, Hermenegildo, *Um Mar de Tradições*, 2016, p. 38



"Aguadeira" Desenho de Carolino Ramos (Museu de Artes Decorativas)

AGUADEIRO/ AGUADEIRA



Desenho de Lowkanski (Museu de Artes Decorativas)



"Aguadeiro" Esboço de Carolino Ramos (Museu de Artes Decorativas)



População no Chafariz da Praça da República – Século XX

³⁰ Ribeiro, Carla; Memória de Portugal – Profissões Perdidas, 2019, p. 10

³¹ Carvalho, António; "Acontecimentos que Viana Sentiu III", 2010, p.55

Aguadeira



Os aguadeiros e aguadeiras era quem distribuía água pelas casas ou efetuava a sua venda na rua. Usavam as bicas públicas para encher os seus barris ou cântaros, para depois transportar de casa em casa, colocando-a em potes de barro. Ao ombro podiam levar um saco de serapilheira de forma a acomodar e a transportar melhor a bilha. O preço da água ao domicílio tinha um valor mais elevado nas estações do ano de maior calor e mais baixo nas estações mais frias. O andar da habitação e o esforço que faziam para desempenhar a sua tarefa também podia influenciar o preço. Esta atividade não podia ser exercida por todos, pois era necessário obter autorização camarária tendo de circular identificado. Em caso de incêndio, o aguadeiro tinha de prestar auxílio cedendo água.³⁰ No Norte do país muitos aguadeiros eram por vezes jovens rapazes da Galiza, de Tui e Pontevedra, que fugidos ao serviço militar vendiam água avulso ou por assinatura. Já as aguadeiras em Viana transportavam os cântaros e canecos à cabeça, sendo diariamente acompanhadas pelos seus namorados ao levarem água do chafariz para casa.

Apenas 26% da população portuguesa, no início dos anos 1940 tinha acesso ao sistema de distribuição de água em casa, pois fora das grandes cidades, as únicas torneiras que existiam eram as dos fontanários públicos. Esta profissão era muito popular e útil sendo considerada um luxo urbano. Nas aldeias, a falta de meios para pagar os serviços do aguadeiro fazia com que os filhos mais fortes da casa fossem mandados à fonte. Normalmente os fontanários localizavam-se perto das habitações.³¹

AMOLADOR/ GUARDA-SOLEIRO

Amolador em Viana – Século XX



Esboço Figura Humana Desenho de Carolino Ramos
(Museu de Artes Decorativas)



Esboço Figura Humana Desenho de Carolino Ramos
(Museu de Artes Decorativas)



Amolador na Rua do Poveiros-
fotografia em Viana
(Arquivo Municipal de Viana do Castelo)



Rua da Picota – 1930
(Arquivo Municipal de Viana do Castelo)

O amolador, que também poderia ser conhecido por guarda-soleiro, como era chamado em vários locais, era um comerciante ambulante que se deslocava numa bicicleta para oferecer os seus serviços de amolar facas, tesouras, outros instrumentos de corte, assim como outro tipo de arranjos. Os primeiros amoladores eram de origem galega arranjando também guarda-chuvas e reparando louças partidas.³²

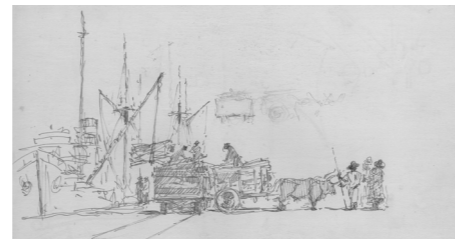
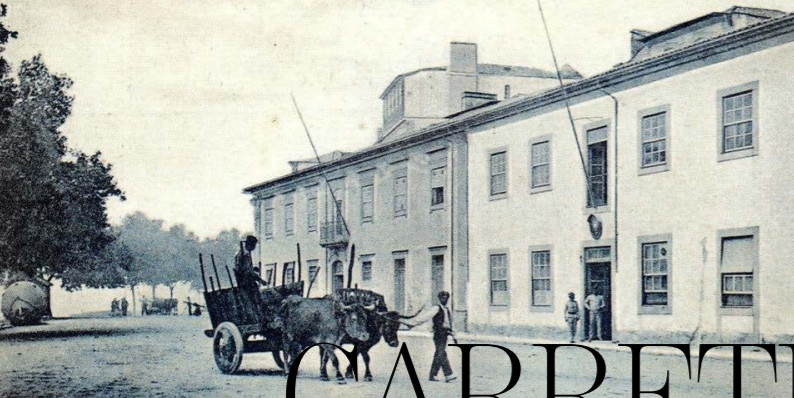
O nome “amolador” vem de “amolar” que vem de “mó” (pedra de amolar). Amolar significa afiar, fazer com que fique cortante ou afiado. Guarda-soleiro é quem vende, conserta guarda-sóis ou guarda-chuvas.³³

Habitualmente, fazia-se transportar numa bicicleta que servia como meio de transporte e oficina. Bastava dar ao pedal da bicicleta fazendo rodar a mó para se afiar a cutelaria.

Com o passar dos tempos surgiu uma máquina mais atual e prática, que já possuía a mó montada e exibia uma grande roda e pedal cuja utilidade era mover a pedra de amolar, para amolar navalhas e tesouras.³⁴ Também tinha um pequeno torno utilizado para consertar guarda-chuvas e louça de porcelana.

Para se fazer anunciar, o amolador tocava uma melodia característica na “flauta de amolador”, “gaita de amolador”, “apito de amolador” ou “gaita-de-beiços”, um instrumento de sopro da família das flautas de pã. Poderia também tocar o realejo,³⁵ um instrumento musical que se trata de um órgão portátil acionado através de uma manivela.³⁶ Muitos, ao ouvir a melodia do amolador, que ainda se ouve nos dias de hoje, criaram o hábito de afirmar “Vêm aí chuva!”, pois os mais antigos dizem que ao emitir o som, o amolador vinha a anunciar tempo chuvoso.³⁷ Há registo de que na Rua da Picota em Viana do Castelo no século XX, nos nºs 7 a 9 se localizava um guarda-soleiro bem acreditado com o nome de Joaquim Pereira Rodrigues, com a alcunha de “Farrapinho”, fabricava guarda-chuvas, relógios, máquinas de costura e consertava guarda-sóis.³⁸

³² Ribeiro, Carla: Memória de Portugal – Profissões Perdidas, 2019, p. 10
³³ <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/guarda-soleiro>
³⁴ Silva, Germano; Porto – Profissões (quase) desaparecidas, p.76
³⁵ Artes e Tradições da Região do Porto, p. 155
³⁶ <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/realejo>
³⁷ Ribeiro, Carla: Memória de Portugal – Profissões Perdidas, 2019, p. 24
³⁸ Fernandes, Francisco Carneiro – Praças de Convivialidade: “Viana: Cidade e Circunstância”, p.75



Carreteiro de Carolino Ramos
(Museu de Artes Decorativas)

CARRETEIROS DA ABELHEIRA

39 Coutinho, Artur, *Costume e tradições populares*, 2012, p.292

40 Carvalho, António, *Acontecimentos que Viana Sentiu III*, 2010

Como o próprio nome indica, os carreteiros eram da zona da Abelheira. Aqui, muitos homens dedicaram-se a esta profissão, a maioria porque seguia o ofício do pai. Encontramos referências de nomes de alguns carreteiros mais conhecidos, como o Manuel Cambão, António Franco, António do Outeiro, João Arezes, entre outros.³⁹

Os carreteiros tinham como função o transporte de diversos produtos, desde mantimentos a artigos variados, em carros puxados por uma junta de bois. Os bens transportados iam desde o transporte de rolos de madeira da doca para as serrações; o transporte de bens de primeira necessidade, que chegavam no comboio, para o comércio na cidade; o transporte do vinho das aldeias para as tabernas e restaurantes da cidade. Os sinos do templo de Santa Luzia foram transportados por carreteiros da Abelheira, com recurso a 19 carros de bois, e por lavradores da Abelheira, Meadela e Areosa, como referiu António Carvalho. “Os carros estavam vistosamente embandeirados e enfeitados (...)”⁴⁰. Os animais que efetuavam este tipo de transporte tinham duas características essenciais: ser robustos, devido ao elevado peso



carreteiro da Abelheira, nos anos 60, numa rua da cidade
(Arquivo Municipal de Viana do Castelo)

que transportavam e ser meigos, para ser fácil ao carreteiro lidar com o animal. Estes tinham de ser treinados antes de transportarem mercadorias e cada junta de bois fazia transportes durante cerca de 5 anos. Os carros de bois eram fabricados por carpinteiros, também eles da Abelheira. A profissão de carreteiro entrou em declínio por volta da década de 60, quando começaram a existir transportes de mercadorias motorizados e o trânsito começou a aumentar na cidade. Por essa altura, só podiam fazer o transporte durante a noite, de forma a não perturbar o trânsito diurno. No entanto, esta profissão acabou mesmo por se extinguir, restando apenas as memórias.



“Ardina” Esboço de Carolino Ramos
(Museu de Artes Decorativas)

ARDINA

O ardina era o vendedor de jornais diários sendo uma figura que não passava despercebida. Quer chovesse, quer fizesse sol, o ardina fazia parte das manhãs anunciando o jornal acabado de sair, apregoando a manchete do mesmo, tendo quase a função de um canal noticioso. O objetivo era vender bem para potenciar o seu lucro, sendo comum ouvir-se “Trás o crime” ou “Trás o desastre.” Os ardinhas eram na maioria rapazes com pouco mais de 10 anos que circulavam nos locais com mais pessoas ou junto às estradas onde passavam os clientes habituais. O ardina podia deixar o jornal na porta do cliente ou atirava para a varanda. O pagamento era semanal ficando garantido as notícias logo pela manhã. Uma prática efetuada era a de “alugar” o jornal ao ardina, pois enquanto se bebia um café, folheava-se um jornal devolvendo-o ao ardina no final e pagando metade do preço do jornal.⁴¹

Com o passar do tempo, os jornais vão aumentando os seus conteúdos com mais suplementos e conseqüentemente mais páginas fazendo com que transportá-los numa pequena saca se tornasse uma tarefa mais complicada. Então, a partir dos anos 50 os vendedores começaram a montar as suas bancas junto a cafés e comércio muito frequentados de forma a terem muitos clientes. A partir dos anos 60 surgem os quiosques que vão definitivamente ajudar ao término da função do ardina. Curiosidade: Casaco de cotim e boina faziam parte da indumentária do ardina.⁴²

41 Ribeiro, Carla; *Memória de Portugal – Profissões Perdidas*, 2019, p. 27

42 Silva, Germano; *Porto – Profissões (quase) desaparecidas*, p.84 e p.86

Ardina (Arquivo Municipal Viana do Castelo)



43 Ribeiro, Carla; Memória de Portugal – Profissões Perdidas, 2019, p. 14

44 Silva, Germano; Porto – Profissões (quase) desaparecidas, p.120

GALINHEIRAS DA AREOSA



Mulheres das galinheiras - Areosa (Emílio Biel & Cª - PT/CPF/BIE/000097 - cedida pelo Centro Português de Fotografia)

As Galinheiras da Areosa, como eram chamadas por serem oriundas desta freguesia de Viana do Castelo, tinham a tarefa de vender galinhas, sendo facilmente reconhecida por levar a canastra à cabeça cheia de galinhas vivas. As galinhas eram compradas para serem criadas no quintal de casa ou até na varanda com o objetivo de se tornarem boas poedeiras ou de engordá-las para os dias de festa.⁴³ A indumentária das Galinheiras era uma camisa de manga a 3 quartos ou de manga arregaçada, com colete e um lenço estampado cruzado ao peito, lenço na cabeça, saia e avental. Podiam andar descalças. À cabeça a canastra cheia de ramos de árvore para acomodar os animais. Andavam a pé o que nas estações mais frias do ano complicava o seu trabalho pois o vento e a chuva dificultavam as deslocações. Quando o vento era forte colocavam o lenço sobre a canastra segurando-o pelas pontas de forma a evitar que o seu conteúdo caísse.⁴⁴

45 Silva, Germano; Porto – Profissões (quase) desaparecidas, p.132, p. 133, p.134

46 Ribeiro, Carla; Memória de Portugal – Profissões Perdidas, 2019, p. 15

47 Fernandes, Francisco Carneiro – Geografia e Memórias da Baixa Vianense – Comércio – Serviços – Património, p.29

LEITEIRA

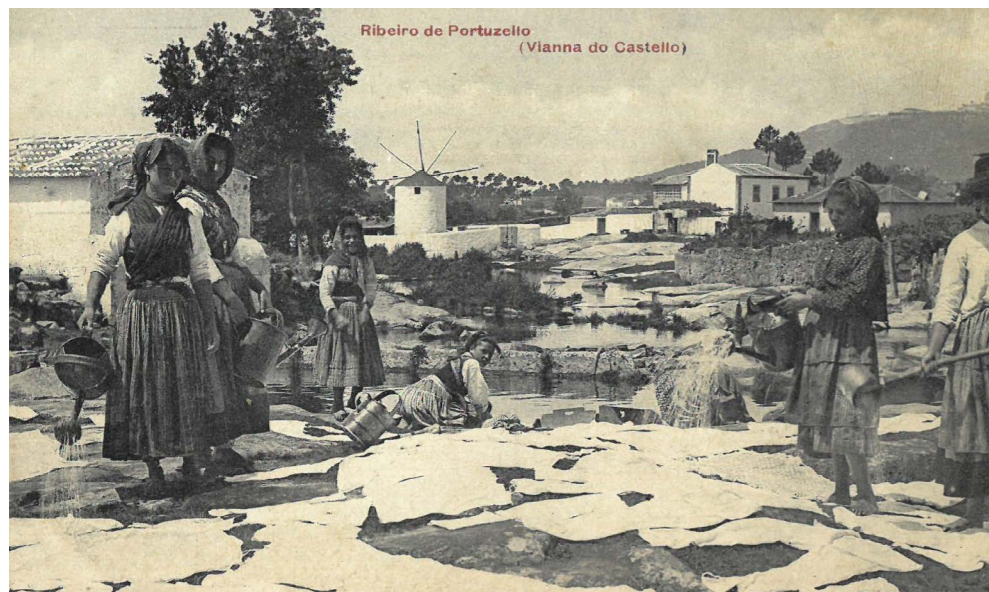
As leiteiras eram vendedoras ambulantes de leite. Podiam fazer-se anunciar ao bater discretamente na porta das freguesas e de uma forma geral já tinham clientes certas a quem vender o leite. Saíam de casa cedo, sendo ainda noite para poder chegar à porta das compradoras logo pela manhã. Este serviço tinha uma hora específica de distribuição onde raramente aconteciam atrasos. Entregavam o leite em garrafas de vidro ou recipientes de alumínio. Os recipientes de alumínio que traziam eram chamados de “latas” tendo as medidas de canada (dois litros), quartilho (meio litro), ou meio quartilho (250ml). O leite era também medido ao mililitro para evitar desperdícios. De uma forma geral, nos anos 30 o leite não tinha um preço fixo, podendo ser vendido a cinco, sete ou dez tostões o litro. A leiteira podia chegar a fazer entre 8 a 10 escudos por dia.⁴⁵ Os acordos para o pagamento deste serviço eram feitos semanalmente ou de entrega contra pagamento,⁴⁶ podendo algumas vezes deixar fiado, mas depois existia o problema da falta de pagamento. Em Viana do Castelo eram conhecidas as Leiteiras da Areosa e as Leiteiras de Santa Marta de Portuzelo, por serem oriundas destas freguesias. A sua função era fornecer o leite de porta em porta, ao consumidor citadino na cidade de Viana, mesclando aqui mais uma vez o mundo rural com a cidade.

Curiosidade: em Lisboa, existiam leiteiros que circulavam pelas ruas com as suas cabras e vacas, ordenhando-as na hora a pedido de cada cliente.⁴⁷



Leiteira em Viana (Arquivo Municipal de Viana do Castelo)

LAVADEIRA



48 Silva, Germano; Porto – Profissões (quase) desaparecidas, p. 123

49 A. Coutinho – “O Fórum – Abelheira, tradição e Modernidade. Que Futuro?”

50 Silva, Germano; Porto – Profissões (quase) desaparecidas, p. 128

51 Archer, Maria; Revista Municipal – Lisboa, 1943, nº 18/19, “Tipos populares: A Lavadeira”, p. 45



As lavadeiras desempenhavam um serviço proposto ao domicílio nas primeiras décadas do século XX. Era um trabalho exclusivamente feminino.⁴⁸ Prestavam cuidados às freguesias da cidade que não dispunham de condições nem para lavar nem para corar (secar ao sol) ou peças de roupa com maiores dimensões. Normalmente não faziam questão em se anunciar, simplesmente transportavam a roupa.⁴⁹ A função das lavadeiras era uma das que entrelaçava a ruralidade com o centro urbano, como por exemplo a lavagem das roupas das senhoras e senhores da cidade, nos ribeiros de água límpida do lugar da Abelheira e de uma freguesia rural, na Meadela.

As lavadeiras da Abelheira lavavam as roupas em vários rios como de Seitas, das Folganais, do Pocinho, de S. João, do Souto, da Canasteira, do Barronco, entre outros.⁵⁰

Este trabalho era árduo, pois eram passadas muitas horas com os pés e pernas dentro de água a esfregar e a bater na roupa para a lavar. De um modo geral poderiam cobrar entre 6 a 9 tostões por lençol, 9 a 10 tostões por toalhas de mesa e 3 a 4 tostões por camisa. As lavadeiras praticaram este ofício até aos anos 50 quando começam a surgir as primeiras máquinas de lavar roupa no mercado caseiro.⁵¹

Curiosidade: Em Viana do Castelo, na zona da Abelheira, existe a Rua das Lavadeiras. Essa rua tem um tanque comunitário de lavar roupa. Ainda na cidade de Viana do Castelo, pode-se observar o lavadouro existente no Campo do Castelo. Já desaparecidos, existiam outros dois lavadouros, um junto à Ponte Eiffel (lavadouro do Gontim) e outro no acesso à praia norte, localizado na entrada dos Antigos Estaleiros Navais desta cidade.

TASQUEIRO

52 Profissões, Artes e Ofícios Tradicionais
Portugueses, Cidália Vargas Pecegueiro, p. 258

Interior de uma tasca regional



Uma das poucas tascas atualmente em funcionamento

A cidade de Viana do Castelo, quer pela sua localização costeira, quer pelas suas características, sempre foi uma cidade que convidava e convida ao convívio. As tascas eram o local de eleição para este convívio, dado a sua índole mais informal. Em Viana existiam perto de três dezenas de tascas tradicionais. Estavam espalhadas por toda a cidade, como a seguir se enumeram:

- Na Rua da Gramática existia a tasca do Veiga;
- Na Rua dos Caleiros ficava a tasca do Zé dos Bigodes;
- Na Rua Martim Velho localizavam-se as tascas do Chucha Ratos e do Paços;
- Na Rua do Poço ficava a tasca do Paços;
- Na Rua Mateus Barbosa, ao lado da padaria, ficava o Fontes;
- Na Rua da Bandeira, junto à segurança social ficava o Coco, em frente ao Governo Civil, estava a tasca do Armando, em frente à Sr.ª do Resgate ficava o 44, conhecido pelo seu bacalhau frito;
- Na Rua do Vilarinho ficava a tasca da Espanhola;
- Na Rua dos Manjovos, no local onde tinha sido o ferreiro localizava-se o Esborda e no lado oposto da Rua ficava o Caçador;
- No Largo Amadeu Costa fica A Regional;
- Na Rua Nova de Santana situava-se o Cambão;
- Rua General Luís do Rego, na esquina do BC9 ficava a Tasca do Aurélio;
- No Largo 9 de Abril localizava-se o Rancheiro;
- No campo D'Agonia ficava a Tasca do Zé do Telhado;
- Na Rua dos Poveiros ficava a Tasca do Corcunda;
- No Largo de Santa Catarina existia a Tasca do Lôdo;
- Na Rua do Loureiro situava-se a Tasca da Irene do Toucinho.

As tascas eram, por excelência, locais voltados para a venda de vinho e também para confeção e venda de petiscos. Eram espaços muito importantes para a sociabilização, constituindo locais de encontro masculino. Aqui era possível a partilha de saberes locais e fortalecer o sentimento de pertença à comunidade.⁵²

Aliado ao declínio do trabalho rural, os principais frequentadores destes locais de convívio ao final de um dia de trabalho, as tascas não resistiram ao número crescente de restaurantes. Poucas tascas resistiram a este facto, muitas das mais antigas acabaram mesmo por fechar portas. Atualmente, assiste-se à abertura de algumas tascas, mas com um conceito um pouco diferente do original.



MERCEIRO



António Esteves na sua antiga mercearia "Máximas", situada na Rua General Luís do Rego no Centro Histórico de Viana, foi fundada em 1845 e era nos anos 2000 muito apreciada pelo seu famoso bacalhau, chegando a vender mais de 300 quilos na época de Natal

O merceiro trabalhava na casa que vendia todo o tipo de mercearia. Uma loja pequena e tradicional que vende alimentos, produtos de higiene, bebidas, objetos para uso doméstico e venda a retalho. Muitas vezes quem trabalhava nas mercearias eram os rapazes oriundos de famílias mais pobres que migravam para cidades e vilas e conseguiam este tipo de trabalho.

De um modo geral, um merceiro entre os anos 30/40 podia ganhar 30 escudos por mês mais a alimentação. Muitas vezes viviam num pequeno quarto, na própria mercearia, podendo não ter grandes comodidades para a sua higiene pessoal sendo muitas vezes esta feita com água fria.⁵³

Atualmente a atividade está em vias de extinção, pois enquanto as mercearias do antigamente eram frequentadas pelos habitantes de proximidade, hoje em dia e com a disseminação de pessoas encartadas e acesso aos meios de transporte, existe uma maior liberdade relativamente às deslocações para se efetuarem compras noutros locais.⁵⁴

⁵³ Merceiro de Setúbal – Américo Barateiro - <https://www.rostos.pt/inicio2.asp?cronica=60885>

⁵⁴ <https://omirante.pt/sociedade/2015-10-31-um-merceiro-sobre-rodas>



Ana Monteiro, Aninhas das Castanhas com duas filhas e uma cliente

VENDEDORA DE CASTANHAS



Antigo Mercado Municipal, na Rua Martim Velho (Arquivo Municipal de Viana do Castelo)

Maria da Graça Monteiro Parente a vender castanhas junto ao Mercado Municipal, no São Martinho



Vendedora de Castanhas é mais uma profissão antiga que, praticamente, caiu em desuso. Na nossa cidade havia uma vendedora que dava pelo nome de Aninhas das Castanhas. Ana Dias Vieira Monteiro, de seu nome próprio, vendia castanhas em frente ao portão do Antigo Mercado Municipal, na Rua Martim Velho. Segundo nos contou a sua filha, Maria da Graça, Aninhas das Castanhas começou de muito nova, "talvez desde criança" a vender castanhas. A chamada época alta desta venda era pela altura dos Santos e do São Martinho, ambos em novembro. Nesta altura, Aninhas das Castanhas costumava ter três carrinhos com um total de cinco fornalhas para assar as castanhas. Nesta ocasião, a afluência para comprar as tão afamadas castanhas era muita, chegando a haver longas filas para comprar o produto vendido por D. Aninhas. Era comum oferecer, principalmente às crianças, duas ou três castanhas no cartucho. Os cartuchos das castanhas, em forma de cone, eram feitos com folhas de jornal ou com folhas das antigas listas telefónicas. Mas não só das castanhas vivia D. Aninhas. Tinha uma banca no Antigo Mercado onde vendia vários produtos, tais como azeitonas, tremoços, guloseimas e até marisco. Teve oito filhos, quatro rapazes e quatro raparigas e era das vendas no mercado que tirava o sustento para os criar. Maria da Graça Monteiro Parente, uma das suas filhas, atualmente vende peixe numa das artérias mais movimentadas da cidade, a Rua Manuel Espregueira, mas também vendeu castanhas com a sua mãe, D. Maria da Graça, chegou a vender castanhas onde é atualmente o Mercado Municipal.

POLÍCIA SINALEIRO



Polícia Sinaleiro na avenida
(Arquivo Municipal de Viana do Castelo)



Polícia sinaleiro ao fundo da avenida
(Arquivo Municipal de Viana do Castelo)

José Teixeira Mendes, conhecido na cidade por Ramalho Eanes, foi o último polícia sinaleiro de Viana do Castelo. A sua carreira como sinaleiro começou em Moçambique, trabalhou depois em Lisboa, na zona do Chiado e nos anos 70 chegou a Viana. Começou por fazer patrulha pela cidade, mas com os conhecimentos que tinha sobre o trânsito, foi colocado no cargo de polícia sinaleiro. Trabalhou como sinaleiro durante 16 anos. No início da carreira em Viana, o seu local era na estação, no cimo da Avenida dos Combatentes da Grande Guerra. Após a colocação dos semáforos nesse lugar, passou a exercer na Ponte Velha, onde terminou a sua carreira em 1990. De farda azul, luvas, capacete e cinto brancos, a sua figura era facilmente reconhecida, dado que no exercício da sua profissão estava em cima de uma pianha. Apesar de ser sinaleiro, um dia por semana fazia patrulha pela cidade e sempre que havia um acidente era chamado.

Como nos confidenciou, “ia para sinaleiro outra vez”. Era uma profissão que gostava muito e como o próprio nos falou “era um prestígio ser sinaleiro”, sempre disponível para sensibilizar os automobilistas através do diálogo e mesmo para prestar informações a quem lhe pedia.

O polícia sinaleiro tinha como função a regularização do trânsito, nos locais mais movimentados da cidade, com especial incidência nos cruzamentos.



José Teixeira Mendes

BIBLIOGRAFIA

- Abreu, Alberto A. ... [et al.]: Viana: cidade e circunstância, - Ed. bilingue. - Viana do Castelo: Grupo Desportivo e Cultural dos Trabalhadores dos Estaleiros Navais, 1997
- Archer, Maria, Tipos populares: A Lavadeira, p. 45 Revista Municipal – Lisboa, 1943, nº 18/19
- Artes e tradições da região do Porto / levantamento realizado pelos Centros de Estágio de Educação Visual das Escolas Preparatórias de Gomes Teixeira... - Lisboa: Terralivre: Dir. Geral da Comunicação Social, 1985
- Carvalho, António; Acontecimentos que Viana Sentiu III, Viana do Castelo, Junta de Freguesia de Santa Maria Maior, 2010
- Costa, Amadeu, Traje, Artesanato e Tradição, Viana do Castelo, Câmara Municipal, 2012
- Coutinho, Artur, Costumes e Tradições Populares, Viana do Castelo, Fábrica Paroquial de N.ª Sr.ª de Fátima, 2012
- Coutinho, Artur, Famílias com Rosto volume I, Viana do Castelo, Fábrica Paroquial de N.ª Sr.ª de Fátima, 2005
- Fernandes, Francisco José Carneiro, Geografia e memórias da baixa Vianense: comércio-serviços-património, Viana do Castelo, Centro de Estudos Regionais, 1995
- Liberal, João, Profissões e Artesanato, Barreiro, Tradições Barreiro (Setúbal, Portugal), 1990
- Pecegueiro, Cidália Vargas, Nina, Joana, Profissões, Artes e Ofícios Tradicionais Portugueses, Edição do Autor, 2018
- Reis, António Matos, Viana, a cidade através do tempo, Viana do Castelo, Câmara Municipal, 1993
- Reis, Hugo, Evolução da estrutura urbana de Viana do Castelo, fatores de transformação e elementos de continuidade, Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Fernando Pessoa, 2008
- Ribeiro, Carla, Memória de Portugal – Profissões Perdidas, [S.l.]: Atlântico Press, 2019
- Silva, Germano, Porto Profissões (Quase) Desaparecidas, Porto, Porto Editora, 2020
- Viana, Hermenegildo, Um Mar de Tradições, Viana do Castelo, Câmara Municipal, 2016

FICHA TÉCNICA

TÍTULO
VIANA DO CASTELO E AS PROFISSÕES DO SÉCULO PASSADO
MENSAGEM
JOSÉ MARIA COSTA
TEXTO
LÚCIA BONIFÁCIO
PATRICIA ARAÚJO
DESIGN E CATÁLOGO DA EXPOSIÇÃO
NAMESWEETNAME
MONTAGEM DA EXPOSIÇÃO
DIVISÃO DE CULTURA PATRIMÓNIO E MUSEUS
EDIÇÃO
CÂMARA MUNICIPAL DE VIANA DO CASTELO
LOCAL E DATA DE EDIÇÃO
MUSEU DO TRAJE DE VIANA DO CASTELO, JANEIRO 2021
IMPRESSÃO
BARCELGRÁFICA
TIRAGEM
250
DEPÓSITO LEGAL

AGRADECIMENTOS/ FOTOGRAFIAS

ALFAIATARIA BARROSO
ANA PAULA PINTO
ANTÓNIO JOSÉ BASTO
ARQUIVO MUNICIPAL DE VIANA DO CASTELO
CONCEIÇÃO FORNELOS
JOSÉ MANUEL R. OLIVEIRA VALENÇA
JOSÉ TEIXEIRA MENDES
MARIA DA GRAÇA MONTEIRO PARENTE
OLHAR VIANA DO CASTELO
PSP DE VIANA DO CASTELO
ROSA MARIA CRISTINO
ROSALINA VIANA



CÂMARA MUNICIPAL
VIANA DO CASTELO